

TIMOR A CORES

GRAÇA AFONSO e ERNESTO MATOS

Câmara Municipal de Lisboa
graca.afonso@cm-lisboa.pt
ernesto.matos@cm-lisboa.pt



Fig. 1 Dili

NO DORSO DO CROCODILO
ELEVA-SE UM ARCO-ÍRIS DE CORES
VERDE, CASTANHO, VERMELHO,
AROMAS, ODORES E SABORES
RASTO DE UM POVO SOFRIDO
NA SONDA DO ORIENTE
UM OLHAR DESCOMPROMETIDO
DA BELEZA DESTA GENTE
Graça Afonso
Maio 2011



Fig. 2-3. Dili



Fig. 4. Aileu



Fig. 5.



Fig. 5. Metinaro



Fig. 6. Metinaro

NO DORSO DO CROCODILO

Conta-nos o mito de origem da ilha de Timor, que um velho crocodilo estava sem forças e cheio de fome, quando um rapazinho o viu e ficando com muita pena dele o ajudou dando-lhe comida para recuperar forças. Restabelecido o crocodilo enfrentou um complicado dilema. O seu instinto animal dizia-lhe para devorar o menino, pois este não passava de uma presa fácil, tenrinha, mesmo ali à mão de semear. Os outros animais e a sua consciência diziam-lhe para não fazer isso, pois seria muito ingrato e

traíçoeiro para com o rapaz, visto que ele lhe tinha salvado a vida. Depois de muito refletir, o velho crocodilo perguntou ao menino qual era o seu maior desejo, ao que este respondeu, que gostaria muito de viajar até ao sol nascente. Como prova de gratidão o crocodilo convidou o rapaz para saltar para o seu dorso e iniciaram uma grande viagem em direção ao sol. O crocodilo com o menino às costas nadou, nadou, nadou durante um tempo incontável, até que o corpo do crocodilo se transformou em terra, com árvores, montes e vales, rios, lagoas e ribeiras e o menino foi o primeiro habitante desta ilha, que se passou a chamar Timor Loro sae.

UM ARCO-ÍRIS DE CORES

Verde, castanho, vermelho, azul, branco, laranja e muitas mais cores emergem da ilha de Timor. O verde dos socalcos e dos arrozais, do lakateu (rola verde) e da viperina (serpente), das montanhas de Ramelau a Matebian, do palavão, do acadiro, do gondoeiro e da casuarina, o castanho de toda a terra, do sândalo, da teca e do tamarindo, do karau (búfalo) e do kuda (cavalo), o vermelho da masca de bétel e noz de areca, do sangue derramado no massacre de Santa Cruz e das penas do belo loriku (lorico verde e vermelho) em liberdade, o azul do Tasi Mane e do Tasi Feto (o mar de Timor) e das motas de Loes, Marobo, Lacló e Dilór, o branco da kakatua, da famosa Praia da Areia Branca e das flores das acácias, o laranja dos belíssimos colares de mutissalas, ...



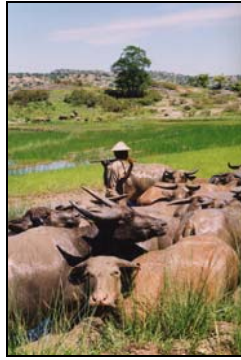


Fig. 7. Aileu



Fig. 8. Díli



Fig. 9. Díli



Fig. 10. Baucau

AROMAS, ODORES, SABORES

O aroma do café de Timor e da madeira de sândalo, os odores da terra mãe, do pântano, da enxurrada, da terra seca na Estação do estio, do ar húmido da monção do Oeste, do mercado, do suor do vendedor ambulante e do búfalo a lavar os arrozais, o cheiro dos animais domésticos que vagueiam em liberdade em plena cidade, fundem-se com a maresia que envolve a ilha. Os sabores desta terra longínqua, chegaram a terras lusitanas pela mão do êma rai Timor (povo timorense) que no exílio tentou manter algumas das suas tradições gastronómicas.

Tradicionalmente os cozinhados timorenses são preparados em nós de bambu, em embrulhos de folhas de palmeira e de coqueiro, em panelas de barro, sendo cozidos e assados em fogueiras.

O arroz e o milho são a base da alimentação timorense. A carne mais consumida em Timor é a de búfalo, porco, cabrito, veado e galinha. Os peixes mais apreciados são o peixe-serra, o peixe coco, o peixe vermelho, o peixe-agulha, a garoupa, o polvo, o choco e o espadarte. Os temperos usuais fazem-se com tamarindo, bilimbe, piri-piri, hortelã, açafrão, gengibre, limão, sal, banha de porco e óleo. A ementa é ainda enriquecida com feijão, mandioca, sagu, inhame e batata-doce.



Fig. 11-14. Díli

A gastronomia tradicional timorense é composta pelo tukir (assados em nós de bambu) de cabrito, de veado e de enguia, pelo saboko (embrulhos em folhas de bananeira) de peixe e de camarão e pelo singa (cozidos) de camarão, de polvo e de sardinha. As frutas mais apreciadas são a jaca, a manga, a anona, a carambola, o jambo, a banana, a papaia, o abacate, a goiaba, a jamberosa, o coco, o mangustão, a romã, o bilimbe e o tamarindo.

As comunidades timorenses em Portugal adaptaram estes cozinhados aos alimentos e utensílios usados no nosso país, assim o saboko é feito com um embrulho de folha de couve portuguesa e o tukir é confeccionado num tacho. Influências da culinária chinesa e árabes também se manifestam na

gastronomia da terra do crocodilo, são exemplo destas a espetada de cabrito com o delicioso molho sassate de origem árabe e o midar sin de porco ou de peixe de origem chinesa.



Fig. 15-18. Dili



Fig. 19. Dili

RASTO DE UM POVO SOFRIDO

Um povo guerreiro, belicoso, resistente por excelência, como mostra a sua história. Colónia portuguesa desde o século XVI até 1975; disputada pelos holandeses no século XVII; pactos de sangue; guerras locais entre os reinos e entre os sucos; ocupação japonesa durante a 2.^a Guerra Mundial (1942); guerra civil entre a UDT e a FRETILIN (1975); invasão indonésia (7 de

dezembro de 1975); vinte e três anos de resistência armada das FALINTIL; o massacre de Santa Cruz (12 de novembro de 1991); a prisão do comandante Xanana Gusmão (20 de novembro de 1992); a captura do comandante da FALINTIL, Ma'Huno (4 de abril 1993); a morte accidental do Nino Konis Santana (11 de março de 1998) e finalmente a restauração da independência de Timor Leste em 20 de maio de 2002.

Os primeiros contactos portugueses com a ilha de Timor datam do início do século XVI (1514-1515). Foram efetuados por mercadores portugueses, consistindo em breves abordagens costeiras, para comerciar a madeira de sândalo. A penetração e fixação portuguesa na ilha foram concretizadas, lentamente, pelos missionários dominicanos em meados da centúria quinhentista. Durante o século XVII, desencadeou-se a disputa territorial entre portugueses e holandeses, datando de então a divisão da ilha ao meio, permanecendo a parte ocidental possessão holandesa e a parte oriental sob domínio português. Todavia a presença lusa era ainda litoral. A realização de vários pactos e alianças com os liurais locais foi permitindo o avanço para o interior.

A ilha de Timor estava dividida em numerosos reinos, aliados em duas confederações. Cada reino por sua vez subdividia-se em sucos. Os sucos eram constituídos por cnuas (povoações). Cada uma destas estruturas locais era liderada respetivamente por liurais (régulos), por dátos (nobres) e por tumungões (chefes da povoação). Os reinos estabeleciam, entre si, pactos de sangue, celebrando alianças de índole guerreira.

A presença portuguesa em Timor, longe de ser tranquila, foi constantemente abalada pelas rixas com os holandeses, pelas permanentes revoltas dos régulos não cristianizados, pelas falsas submissões de régulos à coroa portuguesa, pelas guerras locais entre reinos, sucos e povoações.



As bases da administração portuguesa, efetivaram-se somente no século XVIII. A estrutura política tradicional timorense foi integrada no quadro militar português, equiparando os liurais, chefes de suco e chefes de povoação, a coronéis, majores e capitães. Contudo, a presença portuguesa, em finais do século XIX, ainda se reduzia ao litoral. O interior da ilha permanecia sob o domínio dos liurais, com os quais os portugueses pactuavam alianças. A administração portuguesa efetiva apenas se instaurou a em finais do século XIX, instalando-se no interior da ilha postos militares, sujeitando os régulos ao controlo dos chefes de posto.

Timor oriental, o enclave de Oé-cussi e a ilha de Ataúro permaneceram sob o domínio português até 1975. A Revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal e os sucessivos governos provisórios na metrópole desencadearam, digamos que sem grande preparação local ou sem períodos de transição pacíficos, o processo de descolonização das províncias ultramarinas. A instabilidade da política interna portuguesa não permitiu travar a repentina explosão de vicissitudes ocorridas em Timor, sendo esta a única província ultramarina portuguesa em que não se efetivou a transferência de soberania.

Em maio de 1974, formaram-se os principais partidos políticos timorenses, a União Democrática Timorense (UDT), a Associação Social-Democrática Timorense (ASDT) e a Associação Popular Democrática Timorense (APODETI). A ASDT no mês de setembro converteu-se em Frente de Timor Leste Independente (FRETILIN). Celebrou-se em janeiro de 1975, uma coligação política entre a UDT e a FRETILIN.

Em 17 de julho de 1975, foi votada em Portugal a Lei Constitucional 7/75, que fixava as eleições para uma Assembleia Geral de Timor Leste, em outubro de 1976, com o intuito de deliberar sobre o futuro do território e



estipulava a saída dos portugueses da ilha até outubro de 1978, mas em 11 de agosto, ocorreu golpe da UDT contra a FRETILIN, desencadeando uma guerra civil. A FRETILIN criou em 20 de agosto de 1975, o seu braço armado, as Forças Armadas de Libertação Nacional (FALINTIL). Em plena guerra civil, os militares portugueses retiraram para a ilha de Ataúro, no dia 27 de agosto de 1975. Em 28 de novembro de 1975, é efetuada uma declaração da independência da República Democrática de Timor Leste. No dia 29 de setembro foi retificada a Declaração de Integração de Timor Leste na Indonésia, forjada pelos militares indonésios, em Bali (Declaração de Balibó) seguindo-se a invasão do território de Timor oriental em 7 de dezembro de 1975. No ano seguinte em 17 de julho foi decretada a anexação oficial de Timor Leste, sendo a ilha convertida em 27ª província da República da Indonésia. Anos de resistência armada e de resistência no exílio marcaram a amarga vida deste povo, uma repressão militar baseada no terror e na violência que durou vinte e três anos (1975-1998). A ONU nunca reconheceu a anexação de Timor Leste, permanecendo oficialmente este território não autónomo sob administração portuguesa. Foram aprovadas nas Nações Unidas sucessivas resoluções apelando à retirada das tropas indonésias e afirmando o direito inalienável à autodeterminação de Timor Leste (1975-1982), cabendo ao Secretário-geral da ONU superintender, a partir de 1985, as conversações entre Portugal e a Indonésia. Não obstante, a Indonésia, graças aos seus poderosos aliados, conseguiu retirar a questão de Timor da agenda da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas (1985), mas o massacre de Santa Cruz, a prisão do comandante Xanana Gusmão, a atribuição do Prémio Nobel da Paz a José Ramos-Horta e ao Bispo D. Ximenes Belo e o afastamento do ditador Suharto foram fulcrais



para reverter a situação, sendo hoje um jovem país, esperemos com um futuro promissor.

NA SONDA DO ORIENTE

A ilha de Timor situa-se no Arquipélago de Sonda, sendo esta a maior das Pequenas Ilhas de Sonda.

Timor é constituído pela parte oriental da ilha, o ilhéu de Jaco, a ilha de Ataúro e o enclave de Oé-cussi, na costa norte do Timor ocidental. A parte oriental da ilha é percorrida horizontalmente pela cordilheira de Ramelau. A leste da ilha destaca-se o monte Matebian.

As principais ribeiras nascem na cordilheira central. O clima de Timor é gerido pelas monções de Oeste (outubro a março), caracterizada por grandes chuvas e enxurradas e de Leste (abril a setembro) a estação seca. A ilha é banhada pelo Mar de Timor, na costa sul mais revolto, com grandes vagas, chamado localmente Tasi Mane (Mar Homem) e na costa norte mais calmo, designado Tasi Feto (Mar Mulher). O litoral é coberto por recifes de coral. É uma ilha de formação vulcânica, constituída geologicamente por xistos, quartzos, calcários, mármore, argilas e algumas rochas eruptivas.

DA BELEZA DESTA GENTE

Timor tem os seus encantos e entre eles podemos destacar os belíssimos tais do traje tradicional feminino e masculino, as verdadeiras obras de artes das casas nativas da Ponta Leste, os minuciosos trabalhos em filigrana, os adornos femininos e masculinos, a sua cestaria, as suas esculturas em chifre de búfalo, entre outros.

As casas tradicionais timorenses são basicamente de dois tipos: as casas das regiões montanhosas, de planta circular e telhado cónico; e as casas dos



planaltos, colinas e planícies do sul e leste da ilha, de planta retangular ou quadrada, com telhado de três ou quatro águas.

Na construção das casas tradicionais, os timorenses não utilizam pregos. As casas são montadas à base de entalhes, cavilhas e ligações de cordame. As paredes são fabricadas em bambu, em palapeira ou em madeira. A cobertura é feita de capim, palapeira ou gamuteira. O remate (kakuluk) do telhado das casas, sobretudo na ponta leste, é ou era normalmente, esculpido em madeira e decorado com motivos simbólicos.

A maior parte das casas tradicionais foram destruídas pelos indonésios aquando da operação de cerco e aniquilamento de 1977-79.

O traje tradicional feminino é constituído por tais ou sabulos, que são panos de algodão fabricados em teares artesanais. Eram usados como saias, da cintura para baixo, depois passaram a cobrir a mulher desde as axilas aos pés. Os seus padrões são normalmente às riscas e diferem de região para região.

As mulheres vestem também cabaia (blusas) e cambátiques (saia comprida), fabricadas com tecidos leves de padrões floridos, são de origem malaia. Usam, também, a combinação da cabaia com uma lipa, que é um tecido de algodão, com padrão quadriculado, ainda hoje em dia muito utilizado pelos katuas (ancião) e férik (idosa).

O vestuário tradicional masculino é constituído por um tais franjado, atado à cintura ou por uma lipa. Na cabeça o homem usa um lenço em forma de turbante.

Hoje em dia, o traje tradicional completo com os adornos é somente usado em ocasiões festivas. No dia a dia, as mulheres idosas vestem a cabaia, com o tais à cintura ou a lipa e muitas usam também o lenço na cabeça em forma de turbante. A maioria veste calças, saias, blusas,



camisolas e vestidos. Os homens usam calças, camisas, calções e t-shirt's, somente os katuas usam a tradicional lipa com camisa.

Os tais eram fabricados em teares manuais de bambu, sem pedais. Os fios de algodão eram tingidos com cores feitas a partir de folhas e de raízes pisadas, misturadas com cal e água, e cozidos em panelas de barro. As linhas eram colocadas, durante alguns dias, neste líquido para adquirirem a cor desejada.

Os padrões dos panos eram feitos através do processo futus ou através do foit. No futus cobriam-se as partes dos fios que não se desejavam tingir, com fibras de palmeira. Ao tecer os fios não tingidos produziam os motivos decorativos com contornos esbatidos. O foit era executado com uma teia suplementar tecendo a decoração desejada com contornos bem definidos. Os desenhos eram separados por riscas coloridas ou listas lisas. As cores mais usadas eram o vermelho, o azul, o amarelo, o castanho e o roxo. Hoje em dia, os tais são fabricados em teares mecânicos e as cores são sintéticas.

A mulher timorense usa, em dias de festa, coroas e brincos de prata, cordões de ouro e prata, colares de mutissalas, ganchos e pentes de tartaruga com filigrana, pulseiras e braceletes. O homem coloca na cabeça o kaibauk (meia lua de ouro) e um penacho de penas de galo de combate. Pendura ao pescoço o belak (disco de ouro), vários colares e cordões. Usa, também, manilhas, braceletes e pulseiras. Nos pés prende barbas de bode com guizos atados.





Fig. 19 e 21. Aileu

Fig. 22 e 23. Díli



Fig. 24. Díli

A luta dos galos é um jogo com muitos adeptos entre os timorenses ainda nos dias de hoje. Os galos de combate são criados para serem vencedores. Na pata esquerda do galo é atada uma lâmina afiada, para golpear o galo adversário. A luta é mortífera, um dos galos tem de morrer. Os timorenses fazem grandes apostas neste jogo. É um jogo para homens, a presença ou participação das mulheres não é permitida.



Fig. 25-27. Díli



Fig. 28. Aileu



Fig. 29. Metinaro

UM OLHAR DESCOMPROMETIDO

Agradecemos o amável convite da Dra. Ana Cristina Roque, do Instituto de Investigação Científica Tropical, para prepararmos esta intervenção de encerramento do colóquio *Timor: missões científicas e antropologia colonial*, que decorreu no Arquivo Histórico Ultramarino, nos dias 24 e 25 de

maio de 2011. A missão para a qual nos desafiaram foi a de apresentar algo leve, colorido, atual. Aceitamos com muito gosto, mas com algumas reticências... dado que não somos investigadores e muito menos especialistas na área. A nossa ligação a Timor foi-nos proporcionada ao nível profissional. Ernesto Matos esteve em Timor, na qualidade de fotógrafo da Câmara Municipal de Lisboa, para cobrir o evento da 1.ª Feira do Livro Lusófono em Díli, de 1 a 12 de março de 2003. Graça Afonso nunca esteve em Timor. No âmbito do seu trajeto profissional, coube-lhe a tarefa de montar e coordenar a Biblioteca Por Timor, da Câmara Municipal de Lisboa, de 1993 a 1998. O seu saber é livresco, sendo enriquecido com o contacto diário com os representantes da resistência timorense que frequentavam a Biblioteca Por Timor, em Lisboa e pelos contactos pontuais com as comunidades timorenses residentes em Portugal, no âmbito das atividades de animação que desenvolvia na Biblioteca, ou seja, conferências, concertos musicais, exposições e danças tradicionais e também da investigação que realizou para efetuar o livro *O Gosto de Timor: Culinária Tradicional*, editado em 2001 e o duplo CD musical, *Timor: cantos e prantos*, produzido em 1999, na qualidade de funcionária da Câmara Municipal de Lisboa. Daí o nosso olhar ser descomprometido, desprezioso, leve, informativo, poético, mas esperamos que seja do vosso agrado.

Graça Afonso
Maio 2011

Timor é a cores de quantas cores o mundo é feito e as estrelas do céu e as ondas do mar, o dorso de um toqué, a pele dos *karau*, a dureza da areca mastigada no bétel e a madeira do doce sândalo, do sorriso destas crianças e das gentes que plantam os arrozais nas planícies sem fim ao lado das montanhas cobertas de algodão e lágrimas que povoam Timor, da cor mágica dos seus corações...

Ernesto Matos
Maio 2011



BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Graça. 1999. *Timor [Registo sonoro]: cantos e prantos*. Lisboa. Strauss. Câmara Municipal de Lisboa.
- AFONSO, Graça. 2001. *O gosto de Timor. Culinária tradicional*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- CAREY, Peter. 1995. *Timor Leste - Gerações de Resistência*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CINATTI, Rui *et al.*. 1987. *Arquitetura timorense*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical: Museu de Etnologia.
- CYNATTI, Rui 1987. *Motivos artísticos timorenses e a sua integração*. Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical. Museu de Etnologia.
- FELGAS, Hélio. 1956. *Timor Português*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- FUNDAÇÃO ORIENTE. 1992. *Povos de Timor, povo de Timor, vida, aliança, morte*. Macau. Fundação Oriente. Instituto de Investigação Científica Tropical.
- GUSMÃO, Xanana, 1994. *Timor Leste - Um povo, uma pátria*. Lisboa: Colibri. ISBN: 972-8047-85.
- HORTA, José Ramos. 1994. *Timor Leste: amanhã em Díli*. Lisboa: Dom Quixote. ISBN: 972-20-1120.

FOTOGRAFIA

Ernesto Matos

